

O IDEAL EM QUESTÃO

Christian Hoffmann

Psicanalista,
professor de
psicopatologia
clínica e pesquisador
do CRPMS da
Université Paris 7

Tradução: Pedro
Henrique Bernardes
Rondon

RESUMO: Partindo da formulação lacaniana segundo a qual “em todo psicanalisante, há um discípulo de Aristóteles”, o artigo pretende abordar o impasse atual no governo de si e dos outros articulando-o à servidão voluntária ao ideal platônico do filósofo-rei. Propondo pensar a questão de como sair dessa servidão, o autor versa sobre as críticas de Aristóteles, Arendt e Leo Strauss a uma política elaborada com base no modelo da família.

Palavras-chave: Lacan, Platão, Aristóteles, governo, servidão voluntária.

ABSTRACT: The Ideal on focus. Based on the Lacanian formulation that “in every psychoanalysand, there is a disciple of Aristotle”, the article aims to address the current impasse in the government of self and others linking it to voluntary servitude to the platonic ideal of the philosopher-king. Proposing to consider the question of how to get out of this bondage, the author discusses the criticism of Aristotle, Arendt and Leo Strauss to a policy which is based on the family model.

Keywords: Lacan, Plato, Aristotle, government, volunteer bondage.

O que terá levado Lacan a dizer que “Em todo psicanalisante, há um discípulo de Aristóteles?” (LACAN, 1978/1991, p.23).

Abordarei essa questão a partir de Platão, que Freud tanto venerava por seu Um do amor. Vou tentar mostrar que o ideal platônico, nesse caso, é um impasse no governo de si e dos outros, para retomar o título dos últimos seminários de M. Foucault. Isso não impede de aderir à ideia de M. Foucault, o

qual, nesses seminários sobre a governança, desenvolve que a filosofia encontra “seu real” na política. Esse real que ela aí encontra é o da servidão voluntária do homem quanto a continuar a querer deixar-se guiar pelo ideal platônico do filósofo-rei. A explicação filosófica, de Kant até Foucault (FOUCAULT, 1982-83/2008), responsabilizando a “preguiça” e a “pusilanimidade” por esse estado de dependência ao Mestre-governante, para nós são apenas os sintomas desse Logos. É claro que é preciso continuar a propor a si mesmo a questão de como sair dessa servidão voluntária. Entretanto, hoje em dia parece bem difícil pensar que se possa “forçar alguém a ser livre” (BROWN, 2009, p.73), isto é, a pensar por si mesmo, como o fazia Rousseau. Ademais, eu não tenho a certeza, conforme está indicado na tese de M. Foucault, de que a *parrêsia*, o dizer verdadeiro, que o filósofo (platônico) pudesse soprar à alma do Príncipe, seja um remédio, uma vez que isso deixa na mesma a questão da governança por um Chefe ideal. Para Nietzsche, o erro residia igualmente na crença no ideal, o que, aliás, ele interpreta também como sendo uma “pusilanimidade”.

O que diz J. Lacan? Ele invoca, em maio de 1968, a dissolução do saber que estava em voga, e anuncia que “desde hoje quem comanda é o vencedor desconhecido de amanhã” (LACAN, 1968/2009, p.187). A atualidade política lhe dá razão. O desejo de saber, que é o motor da psicanálise, não desapareceu por isso. Talvez seja o desejo de saber que nos dá a coragem de compreender que a democracia é o nome de uma mutação da humanidade em sua relação com seus fins, cuja verdade não está inscrita no céu das ideias (NANCY, 2009, p.94). Um humanismo da diversidade é desejado hoje em dia, e certamente pode ser pensado com o último Lacan. Em suma, *Sapere aude!* Tenha a coragem de se servir de seu próprio entendimento, como dizia a divisa do Iluminismo.

Agora é preciso que eu responda à servidão como sintoma. Facilmente reconhecemos a servidão na busca do Eu pelo Ideal que se prolonga até na constituição de uma multidão em torno de seu líder. Freud compara a multidão à hipnose que produz confusão entre o Ideal do Eu e o objeto — a ser ouvido aqui como o outro. Na hipnose, como no amor, o objeto vem no lugar do Ideal do Eu, que é um ideal que não é alcançado pelo eu. E a consequência é que o objeto absorve o eu e a consciência do sujeito, provocando a submissão a esse ser que se tornou idealmente superpoderoso (o termo é de Freud). O mesmo se dá quanto à constituição libidinal da multidão, que é a soma dos sujeitos que colocaram um único e o mesmo objeto, um outro, no lugar de seu Ideal de eu. Essa identificação ao Um permite a identificação aos outros, e constitui a unidade da massa.

Será que podemos responder à questão, proposta desde Kant e as Luzes, dessa submissão voluntária a esse ser superior, como Freud o designa, a quem os homens delegam a governança de si e dos outros? Quando se torna um Mestre, um governante vem no lugar de um pai. Isso é introduzido pelo ideal platônico

do Rei-filósofo, e é o que constitui o objeto da crítica de Aristóteles. Aristóteles quer a separação dos poderes. A degradação das governanças, para Aristóteles, está ligada à concentração dos poderes, e a uma política elaborada com base no modelo da família. H. Arendt e L. Strauss, seguindo Aristóteles, também preferem construir uma filosofia política a partir da Cidade. Para Arendt (1995), o desastre da política resulta de sua construção a partir da família. Consequentemente, a ação de pôr um pai no lugar do Ideal do Eu não é de surpreender nas nossas sociedades.

Esse Ideal do Outro é ocupado, na maioria das vezes, pela figura de um pai ideal. Esta figura é a de uma potência paterna que se supõe deter o falo, e que serve de escudo aos sujeitos contra a castração. Daí nossa interpretação da “preguiça” e da “pusilanimidade” — supostas por Kant como explicação para a servidão — como sintomas do ser humano, visto que o sujeito encontrará aí a oportunidade de gozar repetidamente da perda de sua autonomia (SAFOUAN, 2009, p.142).

Esse Outro idealizado faz Um à medida que os sujeitos encontram aí a causa de sua identificação, até fazer dele o nome de sua identidade, e lhe entregar sua autonomia. Isso quer dizer que esse Um do Ideal forma unidade à medida que os sujeitos encontram nesse Outro idealizado o traço unário de sua identidade. O Um unário é apanhado no Outro e, quando faz unidade, reveste um dos aspectos da definição do Um em Frege. Para Frege, o Um pode ser um objeto matemático ou um nome próprio, ou um conceito que sinaliza uma unidade.

Resta a questão de saber se esse Um aterrorizante da unidade constitui exceção ao universal da castração, por sua identificação suposta ao pai freudiano da horda primitiva. A resposta é negativa, a não ser pela prova institucional e histórica de que uma multidão pode mudar de cabeça. E podemos pensar que essa substituição de cabeças — é frequente que nos lembrem que a França é regicida — é tornada possível por uma instância lógica (idem, p.79) inerente à constituição do Ideal da massa freudiana e que autoriza, não obstante, o movimento democrático. H. Kelsen já apontou essa possibilidade em seu texto publicado em 1922 na *Imago*, acerca da noção de Estado e a psicologia social, a propósito da teoria freudiana das massas. Ele faz a distinção entre uma multidão primitiva com um Chefe e uma multidão sem Chefe, a qual colocou uma “ideia”, uma “abstração” no lugar do Ideal do Eu.

Em suma, um Um que mantém a unidade abstendo-se de um ideal hipnótico — o que seria aristotélico. Podemos reconhecer aí a gênese de um Um a partir do **x**, esse **x** ao qual Freud prende o objeto, o outro, que vem no lugar do Ideal no esquema freudiano da psicologia das massas (FREUD, 1921/1981, p.181).

Essa gênese do Um do ideal a partir do objeto conotado de um **x** não deixa de lembrar a definição fregeana do **1** postulado como seguindo imediatamente o

0 — sem esquecer a definição do **1** como “significante da inexistência”, segundo Frege. Essa separação do Um com o ser encontra sua fonte na tradição matemática da filosofia desde o Parmênides de Platão (PORGE, 2004, p.183). Lacan acompanha Frege, mas vai fazer surgir o **1** a partir do conjunto vazio. Pode-se operar uma aproximação com a difícil questão da identificação primária que Lacan resolveu pelo traço unário freudiano. Porge ilustra essa definição lacaniana do Um por meio do exemplo do *maître d’hôtel* que distribui as facas diante dos garfos. O um só aparece a partir do momento em que de um lado há um... que falta.

À guisa de introdução à sua psicologia das massas, Freud lembra que na identificação o objeto é perdido, houve renúncia a ele, contrariamente à hipnose e ao amor, em que há conservação do objeto. Em suma, o **x** freudiano do objeto adquire o sentido do objeto perdido em cada reencontro com ele. Resumindo, isso é a repetição à medida que gera a perda. Esse **x** é a causa da identificação do traço unário, e nada impede de reconhecer nesse traço unário a fórmula lacaniana da exceção ao universal, portanto, ao absoluto — estou pensando nesse *ao-menos-um* dos gozos (LACAN, 1972-73/1975), um *ao-menos-um* que não seria castrado. Safoan o identifica a uma “necessidade simplesmente lógica” (2009, p.79) que o descola da identificação ao pai da horda primitiva. Nada impede que pensemos que esse um é o da pura diferença significante, cujo efeito de não-identidade é a perda do gozo. Lembremos que, para Aristóteles, não importa qual cidadão estaria em condições de ocupar uma responsabilidade política.

Não há dúvida quanto a que Freud tinha uma concepção do Ideal que, desde Platão, busca articular *eidós* com Eros, a ideia com a pulsão. Essa encruzilhada da metafísica com uma erótica que põe a descoberto a falha do desejo como “amor por” instala a falta, no Ideal, no início da antropologia (JULIAN, 2009, p.166).

É o que Baudelaire diz de maneira magnífica em seu poema “O Ideal!:

“Pois não consigo encontrar entre essas pálidas rosas
Uma flor que se pareça com meu vermelho ideal
Que é necessário a este coração profundo como um abismo...”¹

Para concluir: Quando um substituto paterno vem no lugar do Ideal do Outro, é suposto que ele detenha o falo que falta aos outros. Instala-se, então, confusão entre o governante e o mestre do desejo. Isso nos explica seu fascínio nesse lugar idealizado do Outro, em que o falo pode reduzir-se a um objeto pulsional como o olhar ou a voz, que apagam a falta. O efeito da busca orientada dessa maneira pode se tornar monstruoso e submeter os sujeitos a uma paralisia

¹ No original: “Car je ne puis trouver parmi ces pâles roses / Une fleur qui ressemble à mon rouge idéal/ Ce qu’il faut à ce coeur profond comme un abîme...”

do eu, ao ponto da perda de toda razão. Lacan reconheceu aí o drama nazista (1964/1973, p.246).

Recebido em 2/6/2010. Aprovado em 19/7/2010.

REFERÊNCIAS

- ARENDET, H. (1995) *Qu'est-ce que La politique?* Paris: Seuil.
- BROWN, W. (2009) "Nous sommes tous démocrates à present", in *Démocratie, dans quel état?* Paris: La fabrique.
- FOUCAULT, M. (1982-83/2008) *Le gouvernement de soi et des autres*. Paris: Gallimard/Seuil.
- FREUD, S. (1921/1981) "État amoureux et hypnose", in *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot.
- JULIEN, F. (2009) *L'invention de l'idéal et le destin de l'Europe*. Paris: Seuil.
- KELSEN, H. (1922) "La notion d'État et la psychologie sociale. À propos de la théorie freudienne des foules", in *Imago*, v. III.2.
- LACAN, J. (1968/2009) "D'une réforme dans son trou", in *Figures de la psychanalyse* n.17. Paris: Érès.
- . (1972-73/1975) *Le Séminaire*, v. XX. "Encore". Paris: Seuil.
- . (1978/1991) *Aristote aujourd'hui*. Paris: Erès-Unesco.
- . (1964/1973) *Le Séminaire*, v. 11. "Les quatre concepts fondamentaux de La psychanalyse". Paris: Seuil.
- NANCY, J.-L. (2009) "Démocratie dans quel état?", in *Démocratie, dans quel état?* Paris: La fabrique.
- PORGE, E. (2004) "La bifidé de l'un", in *Le réel em mathématiques*. Paris: Agalma/Le Seuil.
- SAFOUAN, M. (2009) "Préambule à La question de la jouissance supplémentaire. À propos de l'au-moins-un", in *Le langage ordinaire et la différence sexuelle*. Paris: Odile Jacob.
- . (2009) *Le langage ordinaire et la difference sexuelle*. Paris: Odile Jacob.

Christian Hoffmann
christian.hofmann@mageos.com